

**DAS IDADES TRANSITÓRIAS:  
AS “JOVENS” NO FEMINISMO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO, SUAS  
AÇÕES E SEUS DILEMAS**

Eliane Gonçalves<sup>1</sup>  
Fátima Regina Almeida de Freitas<sup>2</sup>  
Elismênia Aparecida Oliveira<sup>3</sup>

**Resumo**

Este artigo objetiva prosseguir com reflexões em torno de uma problematização que vem sendo aos poucos demarcada na produção escrita dentro e fora da academia sobre as perspectivas geracionais no feminismo do ponto de vista da juventude. Se aceitamos que há gerações de feministas, que intervalo define e separa uma geração de outra? Que faixas etárias definem ou expressam uma determinada geração no feminismo? Existe preconceito de idade (*ageism*) contra a juventude dentro do feminismo brasileiro? O que querem ou reivindicam as mais jovens? As jovens trazem algo de particular para a renovação do feminismo brasileiro? Estas e outras questões fazem parte da discussão que propomos a partir de uma pesquisa mais ampla sobre a transmissão intergeracional no feminismo brasileiro.

**Palavras-chave:** Feminismo. Jovens feministas. Gerações. Idades. Brasil.

**Abstract**

This article aims to proceed with reflections on a problematic that has been gradually demarcated in the writing inside and outside the academia about the generational connections in feminism from the point of view of youth. If we accept that there are distinct generations of feminists, what interval defines and separates one generation to another? What ages define or express a certain generation in feminism? Is there ageism against youth within the Brazilian feminism? What do youngest feminists want and what do they vindicate? Does youth bring any singularity to the renewal of feminism? These and other questions are part of the discussion we are proposing based on a broader research on the intergenerational transmission in the Brazilian feminism.

**Keywords:** Feminism. Young feminists. Generations. Ages. Brazil.

---

<sup>1</sup> Professora de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais (UFG) e co-fundadora do *Grupo Transas do Corpo* (1987); da coordenação colegiada do SER-TÃO/UFG. e-mail: elianego@uol.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Antropologia (UFG, 2012), professora da PUC/GO, colaboradora do *Grupo Transas do Corpo*; da coordenação colegiada do SER-TÃO/UFG. e-mail: fatimareginaalmeida@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Sociologia (UFG), co-fundadora da *Coletiva Feminista* (2012), atuante no *Grupo Colcha de Retalhos* e no *Fórum Goiano de Mulheres*. e-mail: mennalis@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Apesar da tentativa de Virginia Woolf, cerca de cinquenta anos atrás, de matar a palavra ‘feminismo’ incinerando simbolicamente sua representação escrita, a palavra continua a ser usada e os conceitos que significa retêm claramente ‘uma força de enorme poder’. (OFFEN, 1988, p. 119)<sup>4</sup>

– Sim, estou mais segura como feminista. Percebi que o político começa com ações cotidianas, pontuais, como a linguagem que usamos. Para mudar o mundo é preciso, antes, mudar a si mesma, a forma de falar, o discurso, a linguagem corporal, as práticas cotidianas e questionar aquilo que é tido como ‘natural’. (Mulher jovem, DF).

– O feminismo é uma política de afeto. (Mulher adulta, DF).

Este artigo foi escrito por três feministas de idades distintas, cada qual tendo chegado ao movimento em um momento específico do feminismo brasileiro – meados dos anos 1980 e 2000. Temos 51, 29 e 23 anos respectivamente, pela ordem da autoria. As três navegam fronteiras deste espaço entre duas pontas – a universidade e o movimento social – em que há tanta coisa, se estivermos dispostas a ver para além de uma dicotomia, como tantas, já desgastada. Para sermos mais justas no processo de escrita e utilização das fontes, e sendo também fiel à tradição feminista que nos ensina a não separar teoria e prática, tivemos uma preocupação de mesclar tanto quanto possível autorias diversas, fazendo uso deliberado de fontes jornalísticas (entrevistas de ativistas, por exemplo), *blogs*, boletins de organizações feministas e artigos acadêmicos estrito senso, realçando algo dito anteriormente (GONÇALVES; PINTO, 2011) sobre o risco de academicismo e adultocentrismo em uma análise geracional sobre o fenômeno da juventude no feminismo brasileiro.

Pensamos que estamos realizando um experimento intergeracional no ato de pesquisar e escrever, mas estamos cientes da nossa própria insuficiência em definir a que geração cada uma de nós pertence ou com qual onda no feminismo nos identificamos. Seria adequado dizer que a mais velha é herdeira direta da segunda e as mais jovens de uma terceira ou quarta onda? São as ondas equivalentes às gerações? Se aceitamos que há

---

<sup>4</sup> Tradução nossa. “[...] *Despite Virginia Woolf’s attempt some fifty years ago to kill the word ‘feminism’ by symbolically incinerating its written representation, the word continues to be used, and the concepts it stands for clearly retain ‘a force of tremendous power’.*”

distintas gerações de feministas, que intervalo define e separa uma geração de outra? Que faixas etárias definem ou expressam uma determinada geração no feminismo? Existe preconceito de idade (*ageism*) contra a juventude dentro do feminismo brasileiro? O que querem ou reivindicam as mais jovens? As jovens trazem algo de particular para a renovação do feminismo brasileiro? Estas e outras questões fazem parte da problematização a que nos lançamos neste artigo sobre as “idades da mulher” aceitando o convite desafiante de falar das e sobre – nunca pelas – jovens feministas.

Da tessitura dos nossos argumentos vão brotando, aqui e ali, mais linhas para a trama, alguns nós desfeitos e outros acrescidos, de modo que o resultado está mais para uma “colcha de retalhos” do que para um texto que almeje qualquer totalidade explicativa. Este artigo conta uma parte da história do feminismo brasileiro contemporâneo e é um dentre muitos outros pontos de vistas ou formas de ver. Por oferecer uma possibilidade quase ilimitada de perspectivas analíticas e desdobramentos teóricos, alertamos para o fato de que nosso recorte empírico trata de mulheres jovens no feminismo e das que se autodenominam “jovens feministas” e tenta, o máximo possível, trazer à tona as reflexões que norteiam suas falas. Demos particular importância às suas percepções sobre o caráter de transitoriedade que a idade impõe ao fenômeno geracional, o que implica falar sobre as relações temporais com o passado, o presente e o futuro. Esperamos, inspiradas em Strathern (1995) sobre a aplicabilidade do conceito de relação a qualquer ordem de conexão, que não vejamos apenas relações entre coisas, mas coisas em relação; que a “parte” aqui recortada – feminismo jovem e “jovens feministas” – contenha informações sobre o “todo”, o feminismo brasileiro, plural desde sempre e, agora, ainda mais.

O texto se move na seguinte perspectiva narrativa: 1) situamos o contexto de nossa produção a partir das fontes; localizamos a gênese dos discursos sobre juventude no feminismo e a presença de mulheres jovens no movimento, analisando o debate em torno das identidades, da herança e de suas demandas; 2) focalizamos entrevistas realizadas no que é possível recortar em termos de impressões, sentimentos, dilemas e expectativas; suas ações e formas de intervenção; 3) narramos uma experiência intergeracional local e articulamos algumas reflexões para continuar alimentando este debate no Brasil.

Tentamos dar uma dimensão a mais ampla possível ao contraste geracional a partir de entrevistas realizadas em 2012 e 2013 tanto com ativistas que se encontram no

interstício denominado “jovem”, que compreende idades entre 18-29 anos, quanto com mulheres adultas com mais de 30 anos em diversos grupos e organizações no país. A utilização do intervalo 18-29 anos para delimitar quem são as jovens não é, portanto, arbitrária, não é natural nem se espelha nas muitas classificações mais ou menos institucionalizadas<sup>5</sup>; se a utilizamos é porque remete às próprias noções que acompanham as falas das protagonistas, ou seja, faz parte do repertório das entrevistadas.

O artigo objetiva, assim, prosseguir com reflexões em torno de uma problematização que vem sendo aos poucos demarcada na produção escrita dentro e fora da academia sobre as perspectivas geracionais no feminismo, do ponto de vista da juventude, e também sobre as mudanças acerca dos seus sujeitos políticos.

## **A EMERGÊNCIA DE UM DISCURSO SOBRE JUVENTUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO**

A coexistência de mulheres de diversas idades no movimento feminista brasileiro de tão evidente (BRITTO DA MOTTA, 2000) não é perceptível, embora apareçam aqui e ali referências às suas múltiplas diferenças constitutivas. Sendo um movimento ainda recente historicamente, a depender de como o olhamos e periodizamos, é importante ter em conta que suas protagonistas não eram numerosas em períodos mais próximos, por exemplo, dos anos 1970 para cá. Os nomes daquelas que se reuniram para refletir e lutar pela “questão da mulher” estão estampados nos textos que reconstroem a história do movimento no Brasil<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Não há consenso sobre variações de idade nos intervalos para definir os ciclos de vida. As classificações variam conforme a instituição. Para a Organização Mundial da Saúde e o Ministério da Saúde, entre 10-19 é adolescente, e de 20-24, jovem, sendo comum o uso do termo “adolescente jovem” no intervalo 10-24; Abramovai e Esteves (2008) adotam a convenção da UNESCO: 15-29 anos. Esta faixa também é adotada, no Brasil, pela Secretaria Nacional e Conselho Nacional de Juventude desde sua criação em 2005 (CASTRO, 2009).

<sup>6</sup> Sobre narrativas que resgatam a história do feminismo brasileiro, em contextos variados, há inúmeras fontes e elas são atualmente bastante acessíveis. Nos anos 1980, conferir: *Feminismo no Brasil contemporâneo: o percurso intelectual de um ideário político*, de Anette Goldberg (1984). Nos anos 1990: *O feminismo no Brasil de hoje* (entrevista com diversas feministas) na *Revista de Estudos Feministas* (1994); o número especial da *REF* (1994) traz vários artigos, dentre os quais o *Movimento feminista, paradigmas e desafios*, de Vera Soares, e *Teoria e práxis feministas na academia: os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras* de Ana Alice Costa e Cecília Sardenberg; a tese de livre docência de Maria Ligya Quartim de Moraes intitulada *Vinte anos de feminismo* (1999) e o livro de Amelinha Teles, *Breve história do*

Quanto mais seus nomes circulam e são reiterados mais se fabrica a ideia de seu protagonismo como precursoras, patronas<sup>7</sup>, pioneiras, fundadoras, históricas. E como aponta Miriam Grossi (1998), em pesquisa sobre grupos e núcleos feministas no Brasil em 1995, esta reiteração tem efeitos no modo como as narrativas sobre tempo e transmissão vão sendo construídas reforçando um distanciamento entre “novas” e “velhas” feministas.

O feminismo brasileiro se reconstrói nos anos 1970 a partir do engajamento de mulheres letradas e de alta escolaridade, muitas delas com algum tempo de residência no exterior. Não é à toa que as críticas que emergem no seio deste movimento “esclarecido” se multiplicam, à medida que o processo de transmissão se amplia dos pequenos grupos para grupos maiores em outras esferas da sociedade – movimentos populares ou “de base”, sindicatos, partidos, universidades e Estado. Tais críticas advêm, de forma constante e em escala crescente, de mulheres de diversas origens e portadoras de algumas marcas de diferença ou que não se reconhecem nas plataformas ou discursos de um grupo considerado homogêneo e hegemônico. Assim, um conjunto de vozes, algumas mais dispersas, outras mais coesas, interpelam este feminismo trazendo tensões na maior parte das vezes muito produtivas e não disruptivas. O feminismo no singular – mesmo sem nunca o ter sido – é sacudido pela presença plural de corpos, cores, etnias, sexos, sexualidades, classes, regiões, profissões, religiões e também idades. Todas reivindicam uma pertença reconhecida no movimento, mas denunciam seu caráter elitista e a dificuldade no âmbito das linguagens que não são capazes de traduzir o sentimento de toda esta diversidade. Este aspecto relativo às linguagens e à metodologia será mais bem desenvolvido em sessão posterior neste artigo no tocante à crítica das mulheres jovens.

A clivagem geracional emerge com força na atualidade, do ponto de vista das jovens mais do que das de mais idade<sup>8</sup>. Isto é compreensível, em um movimento que

---

*feminismo no Brasil* (1999); nos anos 2000: Mariza Correa (2001), Sueli Carneiro (2003), Margareth Rago (2003), Maria Ligya Quartim de Moraes (2003), Cinthya Sarti (2001; 2004); Miriam Grossi (2004), Celi Pinto (2003; 2006), Joana Pedro (2006), Karla Adrião, Maria Juracy Tonelli e Sônia Maluf (2011), além da publicação pelo NEIM/UFBA (2008) de uma coletânea de textos de evento histórico realizado na Bahia em 1988: *O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas*. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>>.

<sup>7</sup> Rose Marie Muraro recebeu, em 2005, o título de patrona do feminismo brasileiro. Conferir: <<http://www2.cultura.gov.br/site/2010/09/30/titulos-honorificos/>>.

<sup>8</sup> Até o momento desconhecemos se mulheres “velhas” ou idosas reivindicam protagonismo no movimento em virtude de algum preconceito ou exclusão sentidos. Isto parece ser uma

cristalizou a importância de suas precursoras e, de certa maneira, não refletiu ou problematizou a passagem do tempo. O fato é que, aparentemente, este feminismo não enxergou as diferenças etárias (BRITTO DA MOTTA, 2000) até que foi interpelado por sujeitos que as reivindicaram. Antes dos anos 2000 – um espaço geracional de 30 anos, portanto – a palavra juventude ou sua denominação coletiva “feministas jovens” ou “jovens feministas” é rara, se não ausente dos discursos feministas. Grossi (1998) fala das “históricas” e das “novas” feministas, mas os sujeitos, embora claramente descritos em termos etários/geracionais, não sustentam uma particularidade identitária.

A partir dos anos 2000<sup>9</sup>, o tema da juventude irrompe no feminismo e em outros movimentos sociais (ADRIÃO; TONELLI, 2008). O presente artigo está sendo produzido no momento em que a chamada intelectualidade e a mídia nacional tentam compreender o fenômeno das “manifestações de junho”<sup>10</sup> como ficaram conhecidos os protestos em escala nacional ocorridos nos meses de junho de 2013 em, praticamente, todos os estados brasileiros e desencadeados, a princípio, pelo Movimento pelo Passe Livre. Tal como em 1968 (CARDOSO, 2005), as vozes nas ruas foram associadas à rebeldia, à revolta e ao inconformismo de uma geração que contesta os valores e princípios que norteiam a cultura e a política não apenas no Brasil, mas no mundo todo. De modo não menos vultuoso e catártico, houve, neste mesmo período, a Jornada Mundial da Juventude, mobilizada em torno da visita do papa Francisco I ao Brasil. São dois universos reconhecidamente jovens que, embora aparentemente possuam pouco em comum politicamente, confrontam as ruas em nome de uma identidade, cultura ou protagonismo juvenil (WELLER, 2005; MELO, 2013). Também merecem atenção as manifestações associadas diretamente ao feminismo, como a *Marcha das Vadias*, já na sua terceira edição em 2013, que também será objeto de análise mais à frente.

---

característica das que se denominam “jovens”. Para as reflexões em torno do preconceito etário e da velhice em sua relativa ausência como um tema no feminismo brasileiro, ver Britto da Motta (2000; 2010).

<sup>9</sup> A participação de mulheres com menos de 30 anos é uma constante, se buscarmos a história dos encontros nacionais e latino-americanos e do Caribe desde o início dos anos 1980; na própria história do feminismo brasileiro e internacional elas foram protagonistas. No entanto, a categoria “jovem feminista” só emerge a partir da organização de mulheres ao redor desta faixa etária em um segmento específico, com palavras de ordem, modos de agir e formas de organização peculiares. Para um olhar comparativo entre jovens em espaços políticos e culturais feministas conferir Bitencourt (2000).

<sup>10</sup> Jornadas de junho, protestos de junho, as ruas de junho etc. são outras tantas nomeações.

À parte algumas contradições nas narrativas sobre a gênese da organização das jovens no feminismo brasileiro contemporâneo, no que concerne aos marcos de referência, os primeiros registros remetem ao Fórum Social Mundial e à organização do III Acampamento Intercontinental da Juventude, em 2003. Giovani (2003), Adeve (2008) e Adrião e Tonelli (2008; 2009) inscrevem esta experiência nas origens da articulação das feministas jovens brasileiras e suas conexões com movimentos afins na América Latina e Caribe cuja presença jovem já se fazia sentir no final dos anos 1990 (ALVAREZ ET AL., 2003). Antes, em 2001, uma articulação denominada Fórum do Cone Sul de Mulheres Jovens Políticas – carinhosamente apelidada de Forito – (PAPA; SOUZA, 2009) já se reunia para fomentar a participação de mulheres, salientando, desde uma perspectiva de gênero, que os movimentos de juventude eram **dos** e não **de** jovens (OLIVEIRA, 2005).

Há registro de uma articulação denominada Rede Brasil Jovem pelos direitos sexuais e reprodutivos que possui aproximação com a organização das Jovens Feministas de São Paulo, ambas criadas em 2003 (OLIVEIRA, 2005). O marco histórico de intervenção pública organizada de jovens, no entanto, é o X Encontro Feminista Latinoamericano e do Caribe (doravante X EFLAC)<sup>11</sup> realizado em Serra Negra, SP, em outubro de 2005<sup>12</sup>. A partir deste evento no qual as jovens tiveram participação ativa na organização e formulação do programa, elas realizaram, em 2008, o I Encontro Nacional de Jovens Feministas em Maracanaú, Ceará, que, efetivamente, colocou em um mesmo evento, mulheres jovens de várias identidades políticas e de onde resultou, por exemplo, uma carta das negras jovens feministas.

## **HERANÇAS, IDENTIDADES, DEMANDAS**

O X EFLAC foi um marco importante porque aparece à época de sua realização e também depois, como um divisor de águas:

---

<sup>11</sup> Eliane foi uma das consultoras nacionais para a construção do programa e da metodologia deste Encontro, no qual foi realizada uma oficina denominada “diálogos intergeracionais”.

<sup>12</sup> Em 1999, uma declaração é escrita por jovens presentes no VIII EFLAC em Juan Dolio, na República Dominicana, enfatizando a identidade política de diferentes gerações, reconhecendo o legado, mas afirmando suas hierarquias. (ADEVE, 2008; ALVAREZ et al., 2003).

Hoje uma das novas pautas do feminismo em relação às especificidades é a questão da juventude. Tanto que no 10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe, a juventude é um dos temas transversais, portanto, geração é um assunto que está na pauta atual do movimento e isto pode ser um sinal de transformação e inovação, identificando quais são as novas faces do feminismo. (PEREIRA, 2005, p. 1).

A emergência das jovens nos espaços tradicionais do feminismo foi saudada com entusiasmo em diversas matérias que circularam à época do evento e sua presença foi vista como um indício de renovação no movimento.

O feminismo tem feito contribuições importantes para a democratização da América Latina nas últimas três décadas. [...] Foi para discutir questões como essas, e ainda os desafios e perspectivas do movimento feminista na região, que mais de 1.200 mulheres, provenientes de cerca de 30 países, se reuniram na cidade de Serra Negra, em São Paulo, de 9 a 12 de outubro, no 10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe. [...] O encontro está sendo considerado um marco histórico da participação da juventude no movimento feminista, já que as mulheres com até trinta anos representaram cerca de 25% das presentes em Serra Negra e a questão foi incluída como um dos quatro focos principais do debate. [...] As mulheres que estão há mais tempo nessa luta acreditam que o feminismo tem uma história que precisa ser repassada e renovada, por isso a importância da convivência entre as feministas mais velhas e as mais novas. (SUCUPIRA, 2005, s.p.).

No entanto, outras vozes, ainda que otimistas, introduzem a crítica de que a inovação pode ser o “velho” atualizado:

*¿Es renovación? Probablemente generacional, lo cual considerando el poco trabajo político para crear movimiento que el feminismo hace en los últimos años, es una gran cosa. Ver y sentir cuantas mujeres jóvenes se asumen feministas es un dato realmente esperanzador. Lo único no tan bueno es que muchas juegan el rol de las ‘pupilas’ de las feministas de más larga data, repiten sus discursos y sus prácticas, sobre todo las que desde ya se mueven en las esferas institucionales, en las conferencias mundiales y en espacios financiados y cooptados políticamente. Eso podría significar que la renovación no es tal sino más de lo mismo con nuevas caras. (CURIEL apud GARCÍA, 2005, s.p.).<sup>13</sup>*

As palavras de Curiel reverberam a polêmica em torno da herança, das linhagens. De um lado, a suspeita de mera repetição, de outro, a ameaça de que só é possível inovar

---

<sup>13</sup> CURIEL, Ochy. *Las jóvenes: ¿renovando el feminismo?*



quando as gerações mais velhas estão “fora de cena”. De todo modo, como lembra Tomizaki, a transmissão é o elo socializador entre as gerações e “transmitir e herdar são duas facetas de um mesmo movimento que coloca as gerações diante do desafio de definir como devem se conduzir em relação à sua *herança*” (2010, p. 329, grifo da autora).

Bourdieu, referindo-se ao conflito geracional no contexto francês, embora não especificamente dos movimentos sociais, alude a esta geração dos “‘recém-chegados’ que empurram os ‘já chegados’ para o passado, para o ultrapassado, para a morte social”. Os jovens aspirariam “cedo demais” à sucessão (1983, p. 120, grifos do autor). Nas falas das jovens, vemos que elas reivindicam, com razão, visibilidade, voz, diálogo, que suas demandas sejam levadas em conta e poder, sim, de representarem, de intervirem com suas experiências próprias, seus saberes e suas práticas. No entanto, ao se posicionarem com a marca etária/geracional muitas fazem questão de valorizar aquilo que Mannheim (1993, p. 213) denominou de “bens culturais acumulados”.

É importante não só reconhecer isto, como também estimular as lideranças jovens para que possam despontar e enriquecer o movimento, tendo uma maior inserção e autonomia. No entanto, não esqueçamos que estas jovens são algumas das beneficiárias de conquistas das precursoras do feminismo [...] ser jovem não é abandonar o passado, mas somar-se a partir dele. Fazer parte de um movimento é se dar conta de que ele não se inicia e nem acaba no momento em que entramos ou em nós mesmas [...]. Para formar ‘agentes de novos diálogos’, precisamos conhecer diálogos ‘antigos’, para somar às novas realidades e não cair no vazio de inventar respostas que já foram dadas. (PEREIRA, 2005, p. 1).

Outro aspecto importante na relação entre as gerações é que se as novas (e também mais jovens) participantes não são notadas, pouco se produz em termos de contraste. Uma cena ilustrada por Bittencourt (2000) é bastante interessante para pensarmos o quanto o movimento feminista estava pouco atento às idades. A pesquisadora observava uma oficina durante o XIII Encontro Nacional Feminista, no ano 2000, em João Pessoa (o último ocorrido, se não nos enganamos), e fez o seguinte retrato:

[...] Todas recebiam uma tabela da década de 70 até o ano 2000, em que se perguntava o que cada participante do Grupo de Trabalho estava fazendo nesses anos. Durante a apresentação, constatei a presença de quatro jovens que trabalhavam em ONGs feministas e que nos anos 70 ainda não eram nascidas. A coordenadora do GT ficou surpresa com a

idade das mulheres e a conversa fluiu na visão de cada uma sobre o feminismo. As atenções foram direcionadas para as jovens. Neste momento, constatei a existência delas e o objeto de estudo materializou-se. (BITTENCOURT, 2000, p. 14).

A citação evoca a entrada de novas participantes cujas idades se transformam em centro das atenções a ponto de canalizar interesses de pesquisa. São as chegantes, que encarnam a promessa de inovação por representarem uma alteridade em termos das experiências geracionais e culturais no intercâmbio de um processo de transmissão que possui, sim, conflitos de visões de mundo, mas que são imprescindíveis nos processos de interação social (WELLER, 2010). A cena descreve uma importante ação no feminismo que é a transmissão, embora não revele nenhuma preocupação prévia com a transmissão geracional. Para a maioria de nós que chegou ao feminismo nos anos 1980, repetir, multiplicar entre audiências diversas, as práticas e os conceitos aprendidos era algo comum, de modo que este acervo de técnicas e práticas nunca morre e ressurgem atualizado em experiências como as que serão relatadas na parte final deste artigo.

A entrada dessas novas “portadoras de cultura” (MANNHEIM, 1993, p. 211) na arena do feminismo revela novas faces e devemos estar atentas para o fato das jovens não serem as únicas. Referimo-nos a outras demandas de inclusão tais como as de homens e de transexuais/transgêneros, já tratadas por outras autoras (ADRIÃO; TONELLI, 2008). Quando um movimento cuja identidade parecia mais estável é abalado por críticas e reivindicações de sua ampliação ele se vê ao mesmo tempo fortalecido e ameaçado. Se não há um mecanismo de transmissão, os ideais, valores e práticas que caracterizam um movimento não serão assegurados. Faz parte da dinamicidade de qualquer movimento, o processo de formação de novos atores e atrizes. Aliás, como bem lembra Latour (2012), não é nos grupos já formados e consolidados que devemos prestar atenção, mas às controvérsias em torno dos processos de sua formação, quando se fazem sentir as dinâmicas e contradições que permitem tornar visível o que deveria se manter mudo ou invisível.

Este processo de formação também possui seu próprio filtro. Uma disseminação ou multiplicação, como dissemos sobre o fazer feminista nos anos 1980, nunca é uma mera repetição. Os novos sujeitos incorporam suas singularidades e estabelecem um fio condutor. Assim é que, como afirma Cardoso (2005), a fundamental separação entre as

gerações permite a preservação de algum sentido de autonomia e, ao mesmo tempo, o caráter salutar de pertencimento a um movimento particular:

A possibilidade de receber e escolher a herança, de estabelecer continuidades e diferenças, de relançá-la de outros modos implica o movimento de separação das gerações, de produção de uma diferença geracional – condição de uma filiação possível. (CARDOSO, 2005, p. 105).

Se para toda uma geração (chamemos assim?), no feminismo dos anos 1980 e 90, as idades importavam pouco ou não eram visíveis de tão evidentes (BRITTO DA MOTTA, 2000) é porque boa parte de suas agentes era ainda muito jovem e não se preocupava com reposição, mas, unicamente, com a transmissão se fazendo no tempo presente. Agora, nos anos 2000, toda uma discussão é feita em torno do envelhecimento, da necessidade de formação de novas gerações. Daí, a grande ênfase concedida nos discursos sobre e das jovens feministas ao tema da renovação.

Outro tema de relevo na gênese da organização das jovens feministas é a identidade. Ao selecionarmos a identidade política feminista já a estamos recortando em suas diferenças em relação ao todo social. O feminismo é uma identidade política para muitas pessoas, não apenas mulheres, mas ela não é suficiente para englobar em uma única rubrica a variedade de expressões que lhe são constitutivas. Como mencionamos anteriormente, os movimentos de juventude podem ter perspectivas políticas muito diferentes para jovens de uma mesma idade e isto é característico no problema das gerações (WELLER, 2010).

Quanto à identidade do segmento das jovens, ela é ancorada politicamente na importância em demarcar o que vem em primeiro lugar, sendo compreensível, portanto, que as feministas jovens aspirem a uma identidade política quando se autodenominam “jovens feministas”, em um espírito aglutinador de todas as diferenças ou em articulações específicas como as negras ou lésbicas jovens feministas. Para Abramovai e Esteves:

As diferentes juventudes não são, tão-somente, ‘estados de espírito’. São, isto sim, uma realidade palpável que tem sexo, idade, fases, anseios etc., entronizada em um período de tempo cuja duração não é permanente, mas transitória e passível de modificações (2008, p. 5).

Uma das fundadoras do movimento das Jovens Feministas de São Paulo declara como foi o processo de demarcação da identidade:

[...] O que nos unia em primeiro lugar era a experiência geracional enquanto feministas, a ideia do pertencimento a um grupo geracional político. Não éramos apenas feministas, não éramos apenas jovens engajadas politicamente, éramos jovens feministas na intersecção do termo. E aí se escondia o segredo: a intersecção entre os dois termos, ser jovem e ser feminista; uma identidade transitória aliada a uma identidade 'estável'. (ADEVE, 2009, p. 40).

Se levarmos em consideração que esta identidade reivindicada está atada à passagem do tempo e que sua duração é de cerca de dez anos, não será difícil chegar à conclusão de que a palavra que a define é mesmo transitoriedade. Não que outras identidades sejam fixas. É comum a expressão geração quando há um intervalo de dez anos (ou menos) em determinadas expressões do feminismo cultural, como as “minas do rock”. Fala-se em primeira (anos 1990) e segunda geração (anos 2000) de *Riots Grrrl* (MELO, 2013; CAMARGO, 2011). Não é incomum ouvir em conversas informais jovens de 23-25 anos dizendo às suas companheiras de 18 ou 19 anos esta frase “no meu tempo não era assim”... Por isto, a ideia de intervalo geracional, no caso de que estamos tratando, deve ser tomada com bastante mais fluidez, porque não diz respeito ao período de formação/reposição entre um adulto mais maduro e um jovem recém-chegado. Este período de tempo tem variado nas teorias sobre gerações entre 15-30 anos (FEIXA; LECCARDI, 2010).

Quando aceitamos os termos das próprias jovens sobre a transitoriedade, lembramos Stuart Hall (2000), a necessidade de utilizarmos o conceito de identidade “sob rasura”, ou seja, de nos livrarmos de suas essencializações semânticas, mas de não o desprezarmos, em virtude de sua importância política, dos sujeitos concretos que o postulam. Como identidade provisória, ela entra na constituição do movimento feminista conferindo-lhe sua marca, imprimindo-lhe sua voz e transferindo-lhe seus saberes e práticas. cremos que é justamente isto que as feministas mais jovens clamam.

Em termos de demandas, elas não são novas ou inteiramente diversas daquelas que o feminismo vem pautando ao longo das últimas quatro décadas. No centro, está a luta por

reconhecimento de direitos no campo democrático onde as jovens buscam dar ao panorama geral dos interesses e perspectivas feministas a especificidade geracional.

Assim, no tema dos direitos sexuais e reprodutivos, por exemplo, lançam mão de indicadores sociais e epidemiológicos destacando a maior vulnerabilidade desta faixa etária. Quando articulam gênero, geração e raça inscrevem os indicadores dando centralidade ao marcador racial e se acrescentam a dimensão de classe tratam do aprofundamento de todas as desigualdades quando associadas à pobreza. Um documento paradigmático da intersecção destes marcadores é a “Carta das Negras Jovens Feministas” na qual estão claramente expressas manifestações de repúdio ao racismo, sexismo, lesbofobia e adultocentrismo, comuns aos demais documentos e expressões de outras jovens (ADEVE, 2008; 2009) aliadas a reivindicações de políticas públicas em todos os níveis<sup>14</sup>, além da conclamação de união de todas as mulheres para a construção de uma outra história.

E se, por um lado, a carta-manifesto das Negras Jovens Feministas aponta problemas estruturais com demandas de políticas públicas, é na conversa com representantes dos grupos de feministas jovens que percebemos as políticas locais, as estratégias das próprias participantes dos grupos para lidar com problemas de representação e violência cotidianos, assim como estratégias de interação entre diferentes grupos feministas, em dinâmicas coletivas. Estes coletivos feitos por jovens e para jovens não chegam em alguns circuitos dominados pela presença de feministas “históricas”.

A partir desta gênese tornada já oficial pelas reiteradas citações – e reconhecido o seu risco de congelar “jovens feministas” ou uma suposta “onda jovem” tal como nos ensina Hemmings (2009) a propósito das narrativas sobre as ondas do feminismo –, chamamos a atenção para outro fenômeno, o da descontinuidade das iniciativas que brotaram no período que estamos analisando, os anos 2000. Alguns *blogs* não foram mais

---

<sup>14</sup> Algumas das reivindicações: ações afirmativas e cotas para a inclusão de estudantes negros no ensino superior; a descriminalização do aborto; melhores condições do sistema público de saúde e planejamento familiar com maior atenção às negras jovens; combate e intolerância à perseguição religiosa, considerando racismo a perseguição às religiões de matriz africana; campanha nos meios de comunicação contra a padronização da beleza; promoção de diálogo e alianças com outros grupos de juventude; apoio para geração de trabalho e renda para as jovens negras (GUERRA; GONÇALVES, 2012). Para ler a carta: <<http://dialogoj.wordpress.com/2008/03/11/carta-das-negras-jovens-feministas/>>.

atualizados<sup>15</sup> e mesmo algumas organizações se encontram desestruturadas, mudaram de uma estratégia física para uma virtual (MORAIS; GONÇALVES, 2013), se reinventaram e se transformaram em outra coisa ou simplesmente desapareceram.

Estaria esta descontinuidade associada ao caráter transitório característico da própria idade que demarca a identidade jovem no movimento ou estamos lidando com uma demanda recente de automeção e construção de significados que não têm precedentes? São as jovens feministas atrizes ou agentes políticos em um mundo de socializações heterogêneas que guiam para ações sociais também heterogêneas? O que se pode estabelecer como denominador comum nas práticas das jovens feministas brasileiras? Elas preservam mais que contestam os princípios do feminismo? Sem nenhuma pretensão de “dar conta” destas respostas, as entrevistas realizadas por nós nos últimos dois anos ajudam a iluminar e atualizar informações já consolidadas em outros trabalhos.

## LINGUAGENS E PERMANÊNCIA NO TEMPO

Como pontuamos anteriormente, uma das manifestações de descontentamento ou fonte de conflitos geracionais diz respeito à comunicação, ou dizendo melhor, às linguagens do feminismo. Quando as jovens mencionam a linguagem, não é apenas o discurso em sua forma linguageira que elas estão criticando, mas, igualmente, os modos de fazer que acompanham as linguagens: a escrita considerada pouco ou mesmo inacessível, o uso das novas tecnologias, a fala pública que não atinge as novas gerações e até os recursos utilizados como meios de transmitir os anseios do movimento na prática política. Por isto, consideram que a capacidade de renovação do feminismo e sua continuidade estão diretamente relacionadas a um exercício de atualização das linguagens.

---

<sup>15</sup> Por exemplo, o “diálogo jovem”, cuja última atualização é de 2011; o blog das “jovens negras feministas”, em 2009. Algumas organizações, não apenas de jovens, não existem mais e suas integrantes não foram encontradas nem mesmo no mundo “virtual”. No início da pesquisa, em 2011, fizemos um mapeamento das organizações e grupos de mulheres (ou mistas) com afinidade ou identidade explícita feminista e chegamos a um total de 59 (1980-2010), sendo 47% no Sudeste, 25% no Nordeste, 16% no Centro-Oeste, 7% no Sul e 5% no Norte. 75% das organizações e grupos foram criados nos anos 1980 e 90 e algumas delas não existem mais, o que está diretamente relacionado, no caso específico das ONGs, à fuga de investimentos das instituições internacionais que, em larga medida, apoiaram essas organizações até meados dos anos 2000. (SILVA; GONÇALVES, 2012).

Uma das direções apontadas seria a popularização do feminismo, sendo tal crítica baseada no argumento de que o feminismo ainda seria muito “elitista”, “branco”, “universitário” e para que chegue às mulheres de todas as classes sociais ele deveria ser atualizado, traduzido, não apenas em linguagem, mas também em termos de metodologia “de rua”.

[...] as pessoas normalmente têm que fazer uma marcha, a marcha tem que ser com faixa, com carro de som e com megafone. Tem gente que tá pensando isso de outra maneira. [São] as tensões intergeracionais. É perceber que não necessariamente a marcha tem que ter um megafone, um carro de som e faixa, mas que pode ser feita de outras formas. Então, eu acho que as principais tensões são essas, de conseguir compreender que existem outras formas de dialogar, que as formas das décadas de 70, de 60 podem não conseguir mais (Mulher jovem, DF).

Em uma manifestação do Dia Internacional da Mulher, em Goiânia, convocada pelo Fórum Goiano de Mulheres, uma das jovens bolsistas (23 anos) da nossa pesquisa, que começou a frequentar as reuniões do Fórum, fez a seguinte anotação no seu diário de campo:

Na terceira e última reunião em que fui ocorreu um fato muito interessante. Assim que cheguei para a reunião fui recebida por uma das participantes de nome [identidade preservada], uma senhora que, ao me cumprimentar foi logo dizendo: ‘Oi, você aqui de novo!? Você deve estar vindo só para acompanhar, né? Coitada, não deve estar entendendo nada!’ [risos]. [...] No chorinho, encontrei algumas das meninas do Fórum no meio do pessoal que lá estava e elas me convidaram para ‘dar uma força’ quando elas fossem subir ao palco para anunciar o início das comemorações do mês da mulher [...] Tomaram o microfone, fizeram uma saudação e falaram aos presentes da importância de se comemorar o dia, o mês da mulher e iniciaram uma fala que causou comentários e certo alvoroço, algumas começaram a gritar: ‘Queimaram as bruxas e nós resistimos! Queimaram las brujas!’, e então eu comecei a me perguntar: ‘Como assim? O que elas querem com isso?’. (COSTA, 2011).

Então, uma atualização necessária na linguagem do feminismo, apontada pelas interlocutoras, seria de mecanismos de tradução capazes de atrair as mais jovens ou de tornar mais claros os porquês de determinadas palavras de ordem que remetem a contextos históricos nem sempre presentes nos ensinamentos escolares ou na grande mídia, tais como os descritos acima.

Nas entrevistas, foi constantemente referido que as jovens dominam mais as tecnologias de comunicação – *e-mail*, redes sociais, *blogs* – do que as mais velhas, para militar e interagir socialmente. Na opinião de algumas jovens, uma linguagem para ser atraente e chegar mais próximo delas teria que dialogar nestes espaços, também, e não apenas com materiais impressos. É interessante notar que esta crítica entroniza certo clichê na medida em que as novas tecnologias da informação se impõem sem pedir licença a todas nós que fazemos política e ciência feministas, independente da idade. Um bom exemplo de prática política feminista multigeracional no mundo virtual, mas não apenas, é o das Blogueiras Feministas<sup>16</sup>.

Outro exemplo de atuação política bastante associado às jovens no feminismo é a *Marcha das Vadias*, alvo atual de algumas polêmicas das quais não trataremos neste artigo. Segundo entrevistadas da *Marcha*, em São Paulo e Distrito Federal, apesar dos temas aborto, violência, liberdade sobre nosso próprio corpo serem bandeiras “antigas” do feminismo, a *Marcha das Vadias* tem outra forma de reivindicar estes direitos usando o corpo como linguagem. Este é apontado como um diferencial das jovens na *Marcha*, citado por muitas interlocutoras, que destacam seu envolvimento na organização e participação nesta ação. Para estas entrevistadas, o que as jovens trazem de novo é “gás”, “fôlego”, novidade, inovação, criatividade e irreverência. Porém, algumas questionam este discurso ao pontuar que outras jovens acreditam trazer o novo, mas que, na verdade, reforçam discursos conservadores e cristalizados, remetendo ao que foi dito anteriormente sobre herança:

[...] tem muita jovem que reproduz o velho assim, a gente sempre acha que tá trazendo o novo, a novidade, mas as vezes é só mais do mesmo, acho que sim, mas não com tanta convicção, acho que as velhas já foram jovens um dia e acharam que estavam fazendo algo de novo. (Feminista jovem, DF).

As jovens trariam também uma vontade de mudar, mas isto muitas vezes não se concretiza, segundo o discurso de algumas delas, porque o argumento de que elas têm pouca experiência e idade, faz com que muitas vezes elas e suas contribuições sejam

---

<sup>16</sup> Para um olhar atento sobre as linguagens no âmbito da prática das *blogueiras*, conferir: AVANÇO, 2013.



desacreditadas. Algumas entrevistadas narraram que foram alvo de desconfiança e descrédito ao entrar em contato com feministas mais velhas dentro do movimento. As jovens afirmaram que, muitas vezes, não eram ouvidas e que suas opiniões não eram levadas em consideração nas decisões tanto quanto a de outras feministas mais velhas, tal como já descrito em outros trabalhos (ZANETI, 2009; 2011). A solução apontada por algumas jovens para mudar esta situação, seria a alternância de pessoas nos espaços e cargos de direção. Como afirma uma delas:

Não sei se é mais do feminismo, mas todos os movimentos têm isso assim, de não largar o osso [e deveria ser assim] ‘olha, já contribuí no que eu consegui, eu acho que agora, daqui pra frente, tem outras pessoas que sabem lidar com novas tecnologias, que sabem dialogar de maneiras diferentes...’ (Feminista jovem, DF).

Muitas vezes, este argumento apenas acirra as disputas e algumas jovens, por entenderem isto, afirmam que, na verdade, não desejam “tomar o lugar delas”, mas dialogar, construir junto, trocar experiências, destacando o quanto aprendem/aprenderam com as feministas mais velhas e como as admiram:

[...] E não foi fácil, até hoje não é fácil levantar essa bandeira do feminismo jovem [...] Não foi fácil, pois algumas feministas históricas, elas não acreditam no feminismo jovem, elas falam que a gente quer ocupar o lugar delas, elas falam que a gente tem que trabalhar muito pra chegar onde elas estavam. Mas a gente sempre teve um respeito grande por elas, a gente respeitou muito as mulheres da Marcha, muito as mulheres dos outros coletivos, a União de Mulheres, as mulheres de Pernambuco. (Mulher jovem, SP).

Enxergar a faixa etária entre 18-29 anos força o feminismo a uma constante política de formação, de recomposição visando ao futuro e à permanência no tempo para que não desapareça. Mas, pode também, pressionar de um modo intenso as que estão transitando para a próxima faixa etária:

Você sabe que tenho vivido essa crise, porque eu estou com 30 anos, eu fiz 30 anos ano passado. [...] É muito engraçado porque as meninas aqui na [instituição] já falam: ‘olha, vocês não são mais jovens’. Às vezes eu fico em crise, de fato, quando eu vejo as meninas chegando nas coisas que a gente organiza, elas tem 20, 23. Esses dias eu estava conversando com

uma amiga que é a mesma coisa, ela tem 30 anos que nem eu, ela começou a militar no mesmo processo que eu. Hoje ela é presidente da [instituição]. Claro, houve uma aposta, a gente percebe isso, houve uma aposta política de formação de mulheres mais jovens, de afirmação da autonomia dessas mulheres, da gente poder, enfim, apresentar a [instituição] nos espaços, para as pessoas, de representação política. Mas eu acho também que a gente tem que reconhecer que tem mulheres mais jovens que a gente, dar autonomia pra elas e não achar que a nossa presença resolve o tema da participação das jovens. Enfim, a gente precisa reconhecer que é jovem, mas tem outras mais jovens que também têm que ter o mesmo espaço e a mesma possibilidade que a gente teve quando tinha 20 anos (Mulher jovem, SP).

Em um contexto ligeiramente diverso – uma conferência internacional virtual sobre relações multigeracionais no feminismo<sup>17</sup> – uma participante (jovem) do México fez um interessante comentário sobre as “idades do meio”. Segundo ela, se permanecemos polarizadas no conflito entre idades “com menos e mais de 30 anos” para saber se a contribuição de ambas as partes está sendo valorizada, escondemos a rica relação multigeracional. Para ela, a idade é uma variável, não uma definição e ao focalizarmos as polaridades perdemos o que está no meio: “é como se tivéssemos de morrer após completarmos 30 anos e renascer aos 60 para ter espaço no movimento outra vez”<sup>18</sup> (AWID/YFA, 2013, tradução nossa).

Queremos ressaltar que é a importância do lócus de enunciação que cria sentidos e muda mundos a partir de demandas locais. Neste sentido, idade pode ser ou não um marcador essencial e, para efetivar a sua validade, precisamos atentar para o que as jovens no feminismo apontam, precisamos ouvi-las a partir de suas posições. Há uma recorrência em suas falas de que existe uma hierarquia de idade que demanda, dentro, mas também fora do feminismo, que algumas pessoas sejam mais representadas e favorecidas que outras. Por outro lado, esta mesma hierarquia é também vista como fruto da sobrecarga que militantes

---

<sup>17</sup> E-conferência realizada com a participação de dezenas de ativistas de diversos países de todos os continentes, com predominância jovem e coordenado pelo programa de jovens ativistas feministas – *Young Feminist Association* (YFA) – da *Association for women’s rights and development* (AWID), uma rede global que não possui sede física e cujo endereço na Internet é: <http://www.awid.org>.

<sup>18</sup> “*It seems that you need to die after you become 30 years old and reborn when you are 60 to have a space in the movement again*”. O conteúdo da conferência não é aberto e esta citação consta do relatório preliminar.

mais velhas têm. Como ressalta uma entrevistada de SP, as jovens dispõem de mais tempo para a militância e isto é real e concreto:

Acho que tem uma coisa sobre a especificidade da participação das jovens que é tema do tempo. Óbvio que as jovens trabalham, estudam, ou só estudam, ou só trabalham, né? Não é só isso, mas, de fato, quando a gente observa o cotidiano do movimento, quanto mais velhas as mulheres vão ficando, menos tempo disponível elas têm para a participação, que concretamente é o tema da divisão sexual do trabalho. A partir do momento em que as mulheres se casam, têm filhos, os pais envelhecem, têm demanda de cuidado, de fato tem um filtro na participação, altera o patamar de participação das mulheres. [...] de fato, as mulheres jovens têm mais possibilidade de participar. E, nesse sentido, acho que é uma especificidade dizer que ‘olha nós precisamos fortalecer as mulheres jovens e sua presença no movimento de mulheres, porque isso significa fortalecer o feminismo, significa fortalecer o movimento de mulheres como um todo’. (Feminista jovem, SP).

Pensando no que diz a entrevistada acima, nos ocorre à memória um evento recente protagonizado, sobretudo, por jovens mulheres feministas vinculadas a expressões culturais diversas. O evento tem cara de festa. É um festival, em seu significado mais genuíno, e requereria bem mais espaço para ser apresentado e analisado<sup>19</sup>. Vamos contextualizá-lo minimamente e nos centrarmos em algumas das nossas entrevistadas.

Na terceira edição do *Festival Vulva La Vida*<sup>20</sup>, que tem como slogan “orgulhosamente feministas, necessariamente inconvenientes”, realizado em fevereiro de 2013, na cidade de Salvador<sup>21</sup>, Bahia, foram entrevistadas sete mulheres, duas autoidentificadas como negras e cinco como brancas, que tinham entre 18 e 38 anos, provenientes de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Distrito Federal e Bahia. Deste conjunto de entrevistas emergem outras contradições que se somam às já mencionadas anteriormente. As participantes falam do empoderamento a partir da militância e da convivência com mulheres/amigas; da atuação feminista em partidos e/ou instituições

<sup>19</sup> Os trabalhos de Érica Melo (2008; 2013), de Michelle Camargo (2011) e de Regina Facchini (2011) aprofundam bastante estas análises.

<sup>20</sup> A chamada: “Trata-se de um festival de contra-cultura feminista: através da ética do faça-você-mesma, acreditamos que a mudança não depende da iniciativa dos partidos e instituições políticas; devemos praticá-la no dia-a-dia, desenvolvendo novos valores para as relações travadas no cotidiano. Isso implica em repensar nossos hábitos mais ‘íntimos’, fazendo a revolução das ruas à cama. Política também é diversão!”. Disponível em: <[http://festivalvulvalvida.files.wordpress.com/2011/12/estampa\\_vulvalvida1.png](http://festivalvulvalvida.files.wordpress.com/2011/12/estampa_vulvalvida1.png)>.

<sup>21</sup> Trocadilho com Salvador.

formais *versus* autonomia; do feminismo nas ruas *versus* o feminismo na academia (onde localizam o uso privilegiado da categoria gênero, por exemplo), entre outras.<sup>22</sup>

Trata-se de uma manifestação feminista que apresenta várias facetas interseccionadas em um mesmo grupo e vista por elas como uma iniciativa autogestionária do tipo “faça você mesma”.<sup>23</sup> No evento, praticam um feminismo que poderíamos considerar muito peculiar, porque transgride formas convencionais e estão muito próximas de ideias como anarcofeminismo, rock feminista, veganismo, produção de fanzines, arte e artesanato (camisas, bolsas e *bottom* feministas), defesa pessoal para mulheres (Wendo), entre outras. Há também uma forte expressão do ativismo lésbico feminista e evocam – às vezes, de modo explícito – a irreverência do chamado “feminismo radical”, do final dos anos 1960 nos EUA, em palavras de ordem tais como sororidade, intimidade, amizade ou mesmo amor às mulheres, tão fortes nos textos de algumas feministas daquela época como bell hooks ([1984] 2001) e Gloria Anzaldúa e Cherrie Moraga (1981).

A estratégia “intimista” de uma “política da amizade” para debater temas como violência sexista ou para uma formação em cozinha vegana proporciona um tipo específico de “empoderamento” que cultiva a cotidianidade, o acolhimento e o autocuidado. Uma entrevistada define esta política intimista como:

[...] esse lance do cuidado em que você pode compartilhar as suas coisas com essas pessoas, porque elas vão tentar te ajudar. É bem o lance do empoderamento mesmo. Eu acho que é se fortalecer conjuntamente, e acho que é notável a diferença que faz para se relacionar com o mundo lá fora você ter bases fortalecidas. (Mulher jovem, BA).

Autonomia também é importante para entender a separação de alguns coletivos de jovens feministas de atividades identificadas com um feminismo mais amplo e, neste

---

<sup>22</sup> O relato de Grossi (1998) sobre grupos feministas no Brasil a partir de uma pesquisa realizada em 1995 já aponta várias tensões entre jovens feministas, feministas históricas e novas feministas, como, por exemplo, acerca da renovação de estéticas e representações de gênero e do feminismo. A pesquisadora também focaliza as tensões que polarizam a questão da autonomia x institucionalização (no Estado ou nas ONGs) e “movimento de mulheres” x “movimento feminista”.

<sup>23</sup> Não arrecadam fundos e não cobram taxas de inscrição, o evento se paga com a venda de comida vegana (uma variação do vegetarianismo que exclui qualquer produto de origem animal) e artesanato. As participantes levam suas próprias roupas de cama e banho e o alojamento é nos espaços estudantis das universidades, tais como os Diretórios Centrais dos Estudantes.

sentido, a cumplicidade e convivência localizada ganham visibilidade, pois autonomia identifica fazer atividades de interesse local no grupo. Há, da parte de algumas, uma preocupação genuína com o passar do tempo, o envelhecimento e o cuidado, mencionando explicitamente estratégias de enfrentamento para um “envelhecimento saudável” como comprar terrenos comuns, cultivar agricultura orgânica, formando uma “rede intergeracional de feministas para o autocuidado” (Mulher jovem, DF).

Com o título “O feminismo não morreu”, Érica Melo (2013) analisa essa modalidade de manifestação feminista, que transcende o Brasil, apontando para uma visão otimista em relação ao movimento. Para ela, as mulheres jovens portadoras de uma cultura juvenil do cotidiano, musical, artística, estética e transgressora não apenas renovam um feminismo já existente, mas criam algo novo, por isto mesmo, diferente. A variedade de expressões no feminismo ou em qualquer outro movimento social não deveria afetar ou ameaçar o movimento em sua totalidade, mas, ao contrário, enriquecê-lo. E as singularidades das e dos jovens deveriam ser encaradas como

[...] construções sociais contingentes que emergem proporcionando reencaixes identitários e relacionais, e ao fazê-lo abraçam ou rejeitam valores e instituições sociais as mais variadas, facilitando ou complicando certos processos sociais e apresentando-se como uma variável da solidariedade social. (DOMINGUES, 2002, p. 85).

Nosso último exemplo é uma experiência inter ou multigeracional, um curso que coordenamos em 2012 e que nos surpreendeu bastante, a começar pela quantidade de pessoas inscritas. Abertas 100 vagas em cada semestre, o curso “Formação feminista: tramas e redes para mudar o mundo” atraiu 507 inscritos na primeira edição e 300, na segunda. Tratava-se de uma modalidade semipresencial, com quatro encontros de oito horas, aos sábados, e as demais atividades realizadas no espaço virtual do *Moodle*, somando uma carga horária total de 120 horas na modalidade “curso de extensão” com certificação pela Universidade Federal de Goiás.

Na primeira edição, o grupo era composto por 73% de jovens com menos de 30 anos e na segunda, 91%, sendo 10% de rapazes, nas duas edições<sup>24</sup>. Para a certificação, foi requerida a apresentação de um produto final, individual ou em grupo. As produções versaram sobre temas diversos e foram apresentadas em formatos igualmente diversos: zines, fotografias, peças teatrais, dança, filmes, performances, projetos de pesquisa e de intervenção, cartas, ensaios e música<sup>25</sup>. O que mais nos interessa narrar do ponto de vista geracional é a metodologia, que resgatou as oficinas “clássicas” do feminismo, que aprendemos e multiplicamos desde os anos 1980, como a “linha da vida” (para citarmos apenas uma) utilizadas ao lado de iniciativas consideradas mais atuais e do repertório jovem, como o *funk* e outras não especificamente feministas, como o teatro do oprimido. O grupo foi dividido em quatro turmas, cada qual coordenada por uma educadora feminista mais velha e por uma mais jovem. Em cada sala (no mundo físico e também virtual) de cada um dos cinco módulos homenageamos feministas (brasileiras e estrangeiras) de todas as idades, que nos marcaram em todos os tempos, algumas das quais não estão mais entre nós. Desta experiência “multi” (geracional, racial, cultural, de sexualidades, de classes sociais e localidades, com pessoas do interior e da capital, inclusive do DF), trazemos duas vozes singulares:

Algumas vertentes do feminismo me causam medo e sensação de opressão. Mas é no feminismo que legítimo, busco, confirmo e asseguro minha liberdade (abstração tão frágil). (Mulher jovem negra, GO).

Vivenciar a diferença, imergir nas coisas outras foi, sobretudo, enriquecedor. Tenho mais poder; de fato, meu horizonte se ampliou. Mais adiante, espero narrar esse acontecimento como gerador de práticas duradouras. (Homem jovem negro, GO).

Young chama de *perspectiva social* a diferenciação de grupos – ou de vozes dentro de um mesmo grupo – que as posições estruturais como as de classe, sexo, raça e idade etc. determinam na vida das pessoas e que difere qualitativamente das opiniões e dos interesses. A perspectiva social propicia, segundo a autora:

---

<sup>24</sup> Os critérios de seleção incluíam idade, raça/cor, etnia, sexo, localidade geográfica, escolaridade e o público deveria ser, necessariamente, como manda a extensão universitária, de 50% externo à UFG.

<sup>25</sup> As produções, assim como relatórios e fotos podem ser acessadas no sítio: <[www.transasdocorpo.org.br](http://www.transasdocorpo.org.br)>.

[...] recursos para um público democrático comunicativo que visa estabelecer a justiça, uma vez que pessoas diferentemente posicionadas têm diferentes experiências, histórias e compreensões sociais derivadas daquele posicionamento [e que] podem interpretar de modos diferentes o significado das ações, eventos, regras e estruturas. (2006, p. 162).

E são essas diferentes posições e formas de interpretar que darão ao feminismo, em nosso modo de ver, sua existência no presente e continuidade no futuro, até quando ele for necessário.

Por fim, resta-nos admitir que o próprio exercício de escrita deste artigo encerra posições estruturais em escalas diferenciadas de idade, escolaridade, titularidade, capital cultural, econômico e social remetendo a uma “estratificação da experiência” (BRITTO DA MOTTA, 2012) que é também geracional. Nossas linguagens peculiares são dirigidas pela convenção, de modo a convergir para um formato acadêmico inteligível e chancelado pelas publicações do campo. Queremos crer que isso só confirma a possibilidade de produzir intelectualmente sem sermos dominadas pela divisão social do trabalho que supõe que algumas pensem enquanto outras operam. Seguimos construindo.

## **O FEMINISMO TEM FUTURO? PALAVRAS FINAIS**

*– O feminismo se manterá no tempo enquanto ele for capaz de se mostrar relevante nos processos mais gerais de debate político na sociedade. Eu não queria que o feminismo fosse necessário, mas ele é imprescindível, porque existe a desigualdade. (Mulher jovem, SP)*

Temos nossas idades e somos feministas. Nossas idades mudam e continuamos sendo feministas. Não é isto que, de fato, interessa? Vimos como a idade é um marcador volátil de identidades que, mesmo em sua transitoriedade, precisa ser levado em conta, ter um tratamento político, porque é uma questão de justiça, de democracia, de ética e de poder. A polêmica entre jovens “criativas” e velhas “arcaicas” esconde outras tensões e impede de nos vermos juntas nas ruas, desnudas ou vestidas, valorizando um slogan do movimento de liberação francês dos anos 1970 que dizia, salvo engano: “mulheres, ocupemos a noite”.

Um movimento que precisa tanto de unir esforços para se garantir no presente e no futuro não pode se dar ao luxo de existir pelas metades ou de esnoabar quem quer que seja,

desde que afinado com a ética, os princípios, valores e práticas que caracterizam o feminismo. Há muita divisão entre centro–periferia, regiões particulares que falam pelo Brasil inteiro e conhecimentos que circulam porque têm de circular, tornando hegemônico o já hegemônico. A tarefa de expandir, traduzir e manter o feminismo sempre foi uma tarefa extraordinariamente importante e se torna cada vez mais crucial. Já não temos as ONGs bem estruturadas dos anos 1990, com recursos materiais e humanos capazes de colocar em espaços confortáveis mulheres (e também homens, em muitas ocasiões) de todo o país para processos de formação. Esta realidade mudou radicalmente e quisemos demonstrar com as narrativas de algumas entrevistadas jovens o quanto a institucionalização (em ONGs, universidades, partidos ou no Estado), apesar de ter facilitado enormemente o projeto de expansão do feminismo, não pode prescindir de outras linguagens e formas de transmissão para o fomento de boas relações intergeracionais.

Recolhendo vozes de entrevistas que ainda não processamos, mas que ecoam de forma sensível a tudo que foi dito até aqui, finalizamos com esta frase sábia e visionária de uma estudiosa e ativista feminista pioneira:

Por isso que eu digo que a gente precisa ter de todos os lados. Não tem um caminho só; fica muito árduo ter um caminho só, porque a sociedade é muito complexa, tudo vem de todo lado e a gente precisa estar em todos (Mulher adulta, BA).

## **AGRADECIMENTOS**

Queremos expressar ao NEIM/UFBA nossa satisfação pela oportunidade de publicar nesta nascente e extraordinária revista acadêmica que medeia reflexões sobre o feminismo enquanto saber e práxis inseparáveis. Este artigo é produto da pesquisa “Transmissão intergeracional no feminismo brasileiro (1980-2010)”, apoiada pelo CNPq, vinculada ao SER-TÃO – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade, da Faculdade de Ciências Sociais da UFG. Agradecemos a várias pessoas que contribuíram significativamente, em diferentes oportunidades, para o aprofundamento dessas reflexões ao longo de três anos de uma pesquisa que ainda não se completou: Ao GT Gênero e Gerações, coordenado por Alda Britto da Motta e Isolda Belo, no Congresso Brasileiro de Sociologia (Curitiba, 2011); ao grupo de estudos e orientação coletiva, em especial às



estudantes e bolsistas de graduação Dayse Novaes da Silva, Mariah Neves Guerra, Lays Barbosa Vieira de Moraes, Érika Nunes e Márcia Sardinha da Costa; a Érica Isabel Melo, pelo envolvimento desde a elaboração do projeto, interlocução e pesquisa de campo; às/aos participantes do curso de extensão “Formação Feminista: tramas e redes para mudar o mundo” (UFG, Grupo Transas do Corpo/PUC-GO, 2012, apoio Proext/Mec); a Joana Plaza Pinto e Lenise Santana Borges, pelo diálogo contínuo, apoio solidário e participação ativa. Nossa mais profunda gratidão a todas as entrevistadas, sobretudo às jovens que emprestam suas histórias e trajetórias e que iluminam as análises aqui presentes. Seus movimentos, grupos e organizações estão listados em seguida.

## **GRUPOS E ORGANIZAÇÕES ENTREVISTADAS**

### **DISTRITO FEDERAL**

Anis  
Blogueiras Feministas  
Cfêmea  
Coletivo Unificado de Mulheres da UnB  
Coturno de Vênus  
Fórum de Mulheres do DF  
Marcha das Vadias DF

### **SÃO PAULO**

Associação de Mulheres da Zona Leste  
Católicas pelo Direito de Decidir  
Geledés  
Instituto Patrícia Galvão  
Jovens Feministas de São Paulo  
Sempreviva Organização Feminista  
União de Mulheres de São Paulo

### **BAHIA**

Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM, UFBA

### **FESTIVAL VULVA LA VIDA (SALVADOR, BA)**

Lobaxs – Curitiba  
Sufrágio Feminino – Rio de Janeiro  
Corpus Crisis – DF, RJ, México  
Grupo Autodefesa Feminista – SP  
Feministas Independentes da Bahia (coordenadoras do *Vulva*)

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAI, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, VI. *Anais...* 2008.

ADEVE, Ana. Entrevista a Luciana Brasil sobre como é ser uma jovem ativista feminista no Brasil. *Taking It Global* [online], 25 set. 2008. Disponível em: <<http://www.tigweb.org/youth-media/panorama/article.html?ContentID=22555>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

ADEVE, Ana. Memórias de um passado recente: o I Encontro Nacional de Jovens Feministas. In: PAPA, Fernanda; SOUZA, Raquel (Org.). *Forito, jovens feministas presentes*. São Paulo: Unifem/Friedrich Ebert Stiftung/Ação Educativa, 2009. p. 36-41.

ADRIÃO, Karla G.; TONELI, Maria Juracy F. Por uma política de acesso aos direitos das mulheres: sujeitos feministas em disputa no contexto brasileiro. *Psicologia & Sociedade*, v. 20, n. 3, p. 465-474, 2008.

ADRIÃO, Karla G.; TONELI, Maria Juracy F.; MALUF, Sônia W. O movimento feminista brasileiro na virada do século XX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 661-681, set./dez. 2011.

ALVAREZ, Sonia E. et al. Encontrando os feminismos latino-americanos e caribenhos. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 541-575, jul./dez. 2003.

ANZALDÚA, Gloria; MORAGA, Cherrie (Ed.). *This bridge called my back: radical writings of women of color*. New York: Kitchen Table; Women of Color Press, 1981.

ASSOCIATION FOR WOMEN'S RIGHTS IN DEVELOPMENT – AWID; YOUNG FEMINIST WIRE – YFA. *Why is it important to organize effectively across generations in order to advance women's rights?* Multigeracional primer, 2013.(unpublished),

AVANÇO, Karla F. C. *Entre efeitos e estratégias de linguagem numa produção de conhecimento situado: Blogueiras Feministas (re)pensando concepções e construindo novas práticas*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, 2013.

BITENCOURT, Silvana. *Novas feministas: um estudo sobre jovens mulheres feministas*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BRITTO DA MOTTA, Alda. A atualidade do conceito de gerações nas pesquisas sobre envelhecimento. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 225-250, 2010.

BRITTO DA MOTTA, Alda. A juvenilização atual das idades. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 11-24, 2012.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Geração, a “diferença” do feminismo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESAFIO DA DIFERENÇA – Articulando Gênero, Raça e Classe. *Anais...* Salvador: UFBA, 2000. Disponível em: <<http://www.desafio.ufba.br/gt7-001.html>>. Acesso em: set. 2011.

CAMARGO, Michelle A. “Manifeste-se, faça um zine!”: uma etnografia sobre “zines de papel” feministas produzidos por minas do rock, São Paulo, 1996-2007. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 36, p. 155-186, 2011.

CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. *Tempo Social*, n. 17, v. 2, p. 93-107, 2005.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.

CASTRO, Elisa G. Juventude. In: ALMEIDA, Heloisa B.; SZWAKO, José (Org.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 194-227.

CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, p. 13-30, 2001.

COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria B. (Org.). *O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas*. Salvador: NEIM/UFBA, 2008. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>>. Acesso em: ago. 2013.

COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília M. B. Teoria e práxis feministas na academia: os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, ano 2, p. 387-400, 2. sem. 1994.

COSTA, Márcia S. *Diário de campo*, dia 8 de março de 2011. Goiânia, 8 mar. 2011.

CURIEL, Ochy. El X Encuentro Feminista: el avance del patriarcado a través de la inclusión. *La Haine. org*. [online], 22 out. 2005. Disponível em: <<http://www.lahaine.org/index.php?p=10342>>. Acesso em: set. 2013.

DOMINGUES, José M. Gerações, modernidade e subjetividade. *Tempo Social – Revista de Sociologia USP*, S. Paulo, v. 14, n. 1, p. 67-89, maio 2002.

FACCHINI, Regina. “Não faz mal pensar que não se está só”: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, Unicamp, n. 36, p. 117-153, 2011.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nos estudos sobre juventude. *Sociedade e Estado*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 185-204, maio/ago. 2010.

GARCÍA R., Carmen Teresa. Documentos de interés: X Encuentro Feminista Latinoamericano y del Caribe Brasil. *Otras Miradas*, Universidad de los Andes, Venezuela, v. 5, n. 2, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.saber.ula.ve/bitstream/123456789/22842/2/documento.pdf>>. Acesso em: set. 2013.

GIOVANNI, Julia R. Jovens, feministas, em movimento: a marcha mundial das mulheres no III acampamento intercontinental da juventude. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 655-660, jul./dez. 2003.

GOLDBERG, Anete. Feminismo no Brasil contemporâneo: o percurso intelectual de um ideário político. *BIB*, Rio de Janeiro, ANPOCS, n. 28, p. 42-70, 2. sem. 1989.

GONÇALVES, Eliane; PINTO, Joana Plaza. Reflexões e problemas da “transmissão” intergeracional no feminismo brasileiro. *Cad. Pagu*, Campinas, Unicamp, n. 36, p. 25-46, 2011.

GROSSI, Miriam Pillar. A revista estudos feministas faz 10 anos: uma breve história do feminismo no Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, UFSC, n. 12 (n. esp.), set./dez. 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. Velhas e novas feministas no Brasil. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, n. 28, 1998.

GUERRA, Mariah Neves; GONÇALVES, Eliane. *O protagonismo jovem no movimento feminista brasileiro: uma análise a partir de algumas produções escritas*. Relatório final Pibic. Goiânia: UFG, 2012.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

HEMMINGS, Claire. Contando histórias feministas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 215-241, 2009.

HOOKS, BELL. Sisterhood: political solidarity among women. In: \_\_\_\_\_. *Feminist theory: from margin to center*. Cambridge, MA: South End Press, [1984], 2001. p. 43-67.

LATOURETTE, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: EDUFBA; Edusc, 2012. 400p.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. *Reis*, Madrid, n. 69, p. 193-242, 1993.

MELO, Érica Isabel. *Cultura feminista Riot Girl em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2008.

MELO, Érica Isabel. O feminismo não morreu: as Riots Grrrls em São Paulo. *Ártemis*, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 161-178, jan./jul. 2013.

MORAIS, Lays B. V.; GONÇALVES, Eliane. *A transmissão do conhecimento feminista dentro de grupos e ONGs no Centro-Oeste brasileiro*. Relatório Pibic. Goiânia: UFG, 2013.

OFFEN, Karen. Defining feminism: a comparative historical approach. *Signs*, The University of Chicago Press, v. 14, n. 1, p. 119-157, aut. 1988. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3174664>>. Acesso em: 18 ago. 2011.

OLIVEIRA, Débora. Entrevista. *Boletim Informativo Rede Jovem e Cidadania*, Belo Horizonte, ano 3 Boletim 5, 2005. Disponível em: <[http://www.redejovemdecidadania.aic.org.br/boletim/boletim\\_ano\\_03\\_05.htm](http://www.redejovemdecidadania.aic.org.br/boletim/boletim_ano_03_05.htm)>. Acesso em: ago. 2013.

PAPA, Fernanda; SOUZA, Raquel (Org.). *Forito, jovens feministas presentes*. São Paulo: Unifem/Friedrich Ebert Stiftung/Ação Educativa, 2009.

PEREIRA, Elcimar Dias. Um olhar jovem sobre o feminismo. *Fazendo Gênero*, Goiânia, Grupo Transas do Corpo, ano IX, n. 22, mar./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.transasdocorpo.org.br/uploads/09d275da35c1f76252220aab24f019bc.pdf>>. Acesso em: ago. 2013.

PEREIRA, Hildete et al. O feminismo no Brasil de hoje. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, ano 2, 2. sem. 1994.

PINTO, Celi Regina Jardim. Elementos para uma análise de discurso político. *Barbarói*, USCS, v. 24, p. 87-118, 2006.

PINTO, Celi Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

QUARTIM DE MORAES, Maria Lygia. *Feminismo, movimento de mulheres e a (re)construção da democracia em três países da América Latina*. Campinas: Editora do IFCH - Unicamp, 2003.

QUARTIM DE MORAES, Ligya Maria. *Vinte anos de feminismo*. Tese (Livre Docência) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1999.

RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? feminismo e (pós) modernidade no Brasil. *Cadernos AEL*, Campinas, Unicamp, n. 3/4, 1995/96.

SARTI, Cynthia A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, 2004.

SILVA, Dayse Novais; GONÇALVES, Eliane. Transmissão intergeracional no feminismo brasileiro: mapeamento e caracterização de organizações e grupos (1980-2010). In: CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO – COMPEEX, IX – Economia Verde, Sustentabilidade e Desenvolvimento Social. Goiânia: UFG, 2012. v. 00, p. 1-5.

SOARES, Vera. Movimento feminista, paradigmas e desafios. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, ano 2, 2. sem. 1994.

STRATHERN, Marilyn. *The relation, issues on complexity and scales*. Cambridge, UK: Prickly Pear Press, Pamphlet n. 6, 1995. p 5-33.

SUCUPIRA, Fernanda. Feministas de 30 países defendem radicalização da democracia no continente. *Carta Maior*, 14 out. 2005. Disponível em: <[http://www.direitos.org.br/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=423](http://www.direitos.org.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=423)>. Acesso em: ago. 2013.

TELLES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: ago. 2011.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 107-126, 2005.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações em Karl Mannheim. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 2005-2224, maio/ago. 2010.

YOUNG, Iris Mary. Representação política, identidade e minorias. *Lua Nova*, São Paulo, n. 67, p. 139-190, 2006.

ZANETI, Julia Paiva. Jovens feministas do Rio de Janeiro: trajetórias, pautas e relações intergeracionais. *Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero, Unicamp*, n. 36, p. 47-75, 2011.

ZANETI, Julia Paiva. *Jovens feministas: um estudo sobre a participação juvenil no feminismo*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.